

O VELHO PERNAMBUCANO.

NUMERO 2.

SEGUNDA FEIRA 29 DE JULHO DE 1833.

GRATIS.

Este Periodico será distribuido gratis pelos assignantes do Diario de Pernambuco, e sahirá uma vez na semana.

Uma nuvem, que os ares escurece
Sobre nossas caheças aparece.

CAMÕES.

IMPRESSO EM PERNAMBUCO POR JOZE VICTORINO DE ABREU.

QUE falsas são as noticias, que correm, respeito aos tramas, e aprestos da restauração, e infundados os reccios, que de nós se apoderão, fazem força de persuadir-nos os inimigos do nosso bem estar, que encapotados ainda entre os Patriotas se alinham, como verdadeiros liberaes; e para mal nosso, e ventagem da gente retrograda credulos há, que sua lingoagem adoptão, e tanto n'elles confião, que creem, que suas palavras emanão do puro amor da sagrada causa, sobre que esmorecemos os Brasileiros. Lastima temos de ver, quão simples se mostra uma pequena parte de nossos concidadãos, que não estranha, e alheia do que se passa na Europa, e nas traças dos amigos, e infames escravos do Duque de Bragança, que até entre os Pernambucanos, ousão espalhar suas doutrinas perigosas, e congregar-se para dirigir os negocios do seo senhor, franqueão-lhes ainda os aposentos d'alma, como abriria-os á um verdadeiro amigo da prosperidade de seo Paiz. Cre-los não devemos, ao contrario, acautelados, e com perspicacia, como á sentinelas de um inimigo insidioso vigia um habil General, cumpre-nos vigiar, e attende-los. Que os ha por'hi, e que promovem á todo custo a volta do nosso tyranno, bastante nos convencem a aparição d'esse infame, e unico papel, que em Pernambuco desde o glorioso dia 7 de Abril n'este sentido appareceu, o convite de algumas pessoas para uma Sociedade secreta, a chegada de uma creatura da Conservadora, e esse mesmo empenho, com que se pretende fazer passar, que fantasmas, criadas pelo Governo são todas essas provas, que se nos apresentam, respeito as pretensões, e tramas de D. Pedro. Tatica bastante sedicã é esta, que conceito nenhum merece; e a dar-mo-lo cahiremos por certo no precipicio, que nos elles armão. Com a cõr de um Patriota, que presando em mûito a Liberdade crê sempre o Poder

disposto á descartar-se dos marcos, e balisas, que a Lei fundamental lhe estabelecera para orbita de suas attribuições dizem os restauradores, e os que n'elles acreditão--- O Governo querendo grangear força moral lança mão de taes embustes, e se arma como provas de communicações de nossos Diplomatas, que bem podem ser falsas--- Eis em summa o que alegão. E que dados há para julgarmos má fé da parte dos nossos Diplomatas, para dar-mo-nos á crer, que o Governo d'isso se serve, como proficuo meio de melhor segurar-se dos vaivens, de que se vê alvo? Que empenho existir acaso pode da parte de nossos representantes nas Cortes da Europa para nos embair, a não ser um fervoroso zelo pelo nosso bem estar, com que não se liga essa suspeita, de que são falsas as suas denuncias? Se de prohibidade devemos de presumir, q' elles são, nunca, jamais dar credito aos que por esta maneira fallão, devemos nós, que apreciadores do mais caro dos bens, de uma justa liberdade, quando ella em perigo se acha, as cautelas maiores devemos de dispender, e de tudo suspeitar, que vir-nos pode do nosso inimigo commum. Se não cremos o Governo, que interesse tem na nossa prosperidade, e na perda do Duque de Bragança, que contra nós planeja a guerra, o character bem por nós conhecido d'esse Principe estouvado nos afasta de toda a consideração, que como favoravel nos sirva, e a sua posição precaria, e inteiramente falseada nos põe de aviso, (e n'isto devemos ficar) que o Brasil absorve todos os seus cuidados, e momentos, e as nossas minas, e riqueza lhe devem fornecer meios de solver as suas avultadas dividas, e de restabelecer a sua alterosa fortuna, consideravelmente arruinada por suas loucas pretensões. Como porém se poderão esquecer tão vehementes indicios, que, quando não fossem denunciados ao Governo, cedo, ou tarde ferirão a nossa attenção? A sociedade, que *engaja* colonos, preferindo homens ames-

trados na arte da guerra não é acaso por nós sabida? Ainda o anno passado cento, e cincoenta Suissos foram por esse modo cõvidados, e aqui tivemos noticia, que um Pernambucano o fazia, dado que se assoalhasse ser para fim louvavel, e o acreditassemos. Se dermos de mão por um pouco esse descontentamento, que faz, que alguns encaremos a nossa administração, como desleal, confessaremos, que não é prudencia desprezar os boatos, que ora correm, e que sendo bem fundado o nosso temor, cumpre-nos acantelar. E por que não? Era, não ha muito, um crime do Governo (o que com tudo foi indiscrição) o ter desarmado as Fortalezas, licenciado o exercito, e em pouco ter ao Duque de Bragança, q' occupado em seos calculos, com o desejo de apossar-se de Portugal esquecera por um pouco o Brasil, era um crime não prevenir a volta de D. Pedro, quando elle para isso se ainda não preparava, e até carregou-se-lhe com a calunnia de promover a sua volta, hoje que as escancarar os amigos, e servos de D. Pedro promovem a queda do Tronó de Abril, e a sua exaltação, no Solio, que abdicára, já não devemos acantelar-nos, semelhantes medidas não são necessarias, o Governo d'isso lança mão para grangear força moral!! Quando aos extremos nos damos continuamente reprovamos, o que em outra data proclamavamos medidas absolutamente necessarias! E precisa o Governo do Snr. D. Pedro 2. de mais força moral, quando o seo Trono sem um numeroso exercito, não em baionetas se edificou, e se fortalece? Quando muito essas noticias poderião servir de unir os liberaes divididos, e de apagar tristes rivalidades, e se ellas fossem armadas em algum gabinete Brasileiro bem longe de merecer o vituperio, deverião receber os nossos aplauzos, e salvas; por que se dirigirião á um tão util, e nobre fim. Mas quem afirmar pode a sua falsidade? Antevemos o fim para que se isto assoalha, descobrimos a occulta mão, que aplinar pretende o trilho por onde nos virá a escravidão, e semelhante lingoagem, dado que uzada por alguns homens credulos é filha do perverso designio de com o Trono de Abril perecer a nossa Liberdade.

Dê-se porém, que são carecedoras as noticias do character de verdadeiras; si conhecemos cabalmente D. Pedro de Bourbon, si sabemos do seo estado deploravel, embe-

tesgado na Cidade do Porto, sem recurso, e rendas, á dispender diariamente uma grande somma, com que talvez actualmente o mesquinho Portugal não possa, com seo exercito, e armada por pagar, com muito á vencer, sem meios, viveres, e nem soldados, reduzido a misera colisão de ou em uma vergonhosa capitulação, ou no abandono total da sua empresa buscar o remedio de seos males, se isto conhecemos, e que ainda as nossas riquezas lhe poderião fornecer abastados fiadores aos seos projectos, e a nossa divisão tem-lhe dado animo, e esperanças de uma outra vez reduzir-nos á triste, e aviltante condição de escravos, se assim é, por que, por que não empregaremos todos os nossos sentidos, e dispenderemos todos os nossos esforços em prevenirmo-nos de toda e qualquer tentativa, quando nos não confiemos nas denuncias dos nossos Diplomatas, e em os muitos indicios, que ante os olhos temos? O character do Duque de Bragança nos é bem conhecido, seo genio nunca por ninguem mais, que nós, foi experimentado, e um ambicioso, que desprezou Portugal pelo Brasil, para mais depressa subir ao Trono; que poz os olhos na Peninsula para n'ella imperar, pondo por terra o trono de seos parentes, e que avesso aos principios de liberdade, por engodo offerecerá ao Mundo inteiro, se for possivel, Cartas Constitucionaes para melhor segurar seos vastos planos, não deixará de arder no infernal desejo de novamente captivar-nos, e dominado ainda hoje por os que compunhão a sua infame roda, quando no Solio Brasileiro, pelas partes integrantes do Gabinete secreto, por milagre deixar-nos-ha curar as chagas, que nos abrio. Um aventureiro faz consistir o seo prazer na continua concepção de vastos planos, e bem que forças não tenha para po los em obra, com tudo não desanima. Aventureiro é o Duque de Bragança: a divisão, que nos enfraquece lhe fornece grandes forças, partido tem no Brazil, e n'elle recursos para sustentar as tropas, que no Porto dirige.

União, caros Patricios; a Liberdade periga; esqueção-se rivalidades, perdoem-nos os desvarios, e de mãos dadas caminhemos a segurar esta Liberdade, que tanto nos há custado. União, Pernambucanos!

NO Paquete do Norte para o Ceará partirão os dous celebres autores da revolta daquella Provincia, os agentes de tantos crimes, que se ali praticarão, Joaquim Pinto Madeira, e seu consocio o Vigario Benze cacetes. No do Sul o fáccinoroso João Baptista da Barra-Grande, e o absolutista Manoel Affonso de Mello para as Alagôas. Todos vão ao theatro de seus crimes receber o premio de tantas malvadezas: vão segundo determinão os artigos 229, e 257 do nosso Codigo de Processo ser julgados pelo Juri de seus domicilios respectivos. Ocazião teremos de conhecer as vantagens da saudavel instituição do Juri nas causas crimes. O povo tem já em suas mãos o direito de punir os malfeitores, os assassinos, os perturbadores do seu socego, e de sua tranquillidade: já não está confiada a sorte dos innocentes a corrupção, e venalidade de certos Magistrados. Ficamos bem certos de que a sorte destes quatro não será tão feliz como a de Burlamaque, e outros *ejusdem furfuris*, que não tiverão provas para a condemnação, que o povo é quem os vae punir. Cearenses lembrai-vos das desgraças, que vos gerarão Pinto Madeira, e Benze-cacetes, bastante é que o General Labatut tenha desviado do castigo uma grande parte de seus cúmplices: uzai com circunspecção do direito, que as Leis, illudidas pelos Magistrados, tem depositado em vossas mãos, e chamai sobre estes dous monstros todo o rigor das penas, que proporcionado seja, se é possível, á enormidade de seus crimes. Alagoanos em vossa presença tendes ainda o theatro da guerra civil, frutu das malvadezas desses dous criminosos, que vão de vós buscar o merecido castigo: não ponpeis aos inimigos de vossa tranquillidade, aos autores de todas as vossas desgraças, quando a Lei vos confia este importante mandado, e quando nella encontrareis a paga, que devem ter taes malvados. E' mister, que o Governo das duas Provincias dos criminosos tenham o maior cuidado na segurança dos réos: os dous primeiros, dizem que algum partido de seus cúmplices ainda tem no Ceará: os dous ultimos souberão evadir-se do Brigue em que estavam prezos na Barra de Macaíó. Porém sobre tudo é preciso, que o Juri proceda com a maior cautela, a fim de que não dê ponto a apellação para a Relação, que tenham em vista o art. 301

do Codigo de Processo, a fim de tirar aos criminosos a esperança da absolvição.

QUANDO os partidos se confundem importa, que um caracteristico os difference. Nos momentos de crize convem saber, quem são nossos amigos, quem nossos inimigos. Foi assim, que na luta de nossa Independencia com o tope Nacional se distinguirão os que seguirão a cauza do Brazil, e que nos dias, que precederão a Revolução de Abril se conhecião os que se oppunhão a recolonização, que se temia. Hoje, que este partido torna a erguer o collo muito necessario se faz, que arvoremos em nossos chapeos as cores Nacionaes. Brasileiros convem dar importancia ás nossas coizas! O nosso tope de verde, e amarello nos trará mais ao vivo a lembrança da feliz epocha de nossa Emancipação, elle representa as cores da bandeira, com que fizemos a nossa Regeração Politica. Com que entusiasmo não uzão os Francezes de sua *Tricolor*! E em que serão as nossas de verde, e amarello menos dignas? Convidamos aos nossos Concidadãos de ambos os sexos, que uzemos de nosso tope Nacional, que alem da vantagem de fazer reviver o espirito de Nacionalismo, que parece amortecido, servirá de caracterizar ao partido Brasileiro; que nunca deve estar nivelado com o dos restauradores.

ALGUNS boatos se tem espalhado de que aqui existe um ramo da *Conservadora*; por ora ainda não temos dados seguros para bem julgar da verdade delles. E' porém certo, que não são mui destituídos de fundamento. O Sr. Antonio Carlos por aqui passou; pelo muito, que se elle ufana de ser Caramurú, e honra de fazer uma parte toda grande daquella Sociedade, não quereria tal vez hir-se, sem deixar em Pernambuco um padrão dos serviços, que a cauza do Duque de Bragança, em cuja commissão se diz andar, se axa prestando; que é raro, que a peste passe por um paiz, sem que lhe deixe o contagio. Accresce, que aqui é xegado um tal Francisco Antonio Soares (conhecido por Cadò) que dizem mandado fora por a *Conservadora* para Pagador das tropas dos Cabanos, o qual sabendo do desbaratamento das torças, onde hia servir, temendo cahir as mãos

dos nossos soldados, não cumprio a commissão, e aqui se axa. E' notavel, que este homem sem aqui ter mais eira, nem beira *post tantos annos* venha só por amizade ao seu paiz vizitar as margens do Capibaribe: tanto mais, por que no Rio de Janeiro é apontado como celebre no partido da restauração. Pernambucanos! é mister muita cautela com esta gente, e muito sentido: convem pesquisar a fonte destes boatos, e sobre tudo attender a conducta do Snr. Soares, que a ser verdade andar em commissão do partido de D. Pedro, bom seria, que fosse á outra parte, onde melhor se possa prestar, não sendo conhecido, do que em Pernambuco, onde sua pessoa, conhecida como as palmas de nossas mãos nenhuma consideração lhe grangeará para o negocio da missão, e não queira azedar as justas desconfianças de um Povo, que odêa a sua cauza; que não transige com a Restauração.

O General Abreu e Lima geralmente conhecido aqui pelo nome de Roma, dizem, escrevera uma carta á seus Irmãos aconselhando os, que se não prestassem á serviço contra os Cabanos, que erã a sua salva-guarda, e Guarda avansada de suas tropas. Querem mais? Tudo vae mostrando, que grandes planos hão concebido os partidistas de D. Pedro. Nunca mui distante deve estar o Exercito, quando já os Cabanos são para elles a Guarda avansada. O que mais notavel é, que o General Lima, que ostentava de tão liberal, que se dizia o libertador de Venezuela &c. &c. q' serviços innumeros prestou a cauza da Liberdade da Columbia, voltando ao seu Paiz natal, abraçando a cauza da restauração, aconselle a seus Irmãos; que não se prestem a serviços contra os Cabanos, contra esta horda de barbaros, que assolada tem nossa infeliz Provincia. Se as desgraças de Pernambuco, desse Canto onde elle vio primeiramente a luz, são para o Snr. General Lima um objecto de prazer: se o seu coração não tocão os males, que nos tem causado os Cabanos, os horrores da restauração lhe parecerão innocentes passatemplos... E será este o filho daquelle, que com-nosco concorreo para a Liberdade de nosso Paiz? que com-nosco lansou os primeiros cimentos desta grande obra? Será por que a natureza caprixa na dessimilhança, e no con-

traste. Infelizmente porém a carta negou tarde, o Snr. Tenente Roma tem batido os Cabanos, e adquirido por isso, alem do mais, um maior jus ao *laço* de D. Pedro. Muito enfurecido ficará o General, quando de tal souber, e mais ainda, que o nosso bravo Commandante das Armas vae dando cabo de sua Guarda avansada.

PROCLAMAÇÃO.

CONCIDADÃOS. Pelas ultimas noticias da Corte se sabe, que o Governo fizera huma Mensagem á Camara dos Srs. Deputados, expendendo as razões, em que se funda, para crer que o Principe tres-loucado que tão indignamente occupara o Throno Brasileiro, pretende invadir o nosso territorio, e terra sagrada da Liberdade. Desengannado de conseguir a Conquista de Portugal, tal vez queira vir despejar no Brazil a horda dos mercenarios, que alistara para servir-o na Europa, e America, incitado pelas exortações dos infames Caramurus, que pretendem de novo escravisar-nos; e que Emissarios de alta cathegoria lhe tem enviado para o resolver. Bem longe de mim está pensar que jámais os meus Compatriotas consintão em dar os pulsos para os ferros Metropolitanos: qual foi a recompensa que obtivemos de colocar a nossa frente esse Principe immoral? todos nós testemunhámos, e por longos tempos experimentarã a nossa Patria os effeitos desgraçados de hum tal reinado? mas he do meu dever como Magistrado de escolha popular, publicar hum factó, que pode acarretar-nos milhares de males, e recomendar a mais firme união para melhor repelirmos o inimigo externo, e preparar as medidas á meu alcance para rebate-lo.

Ei-a pois Concidadãos, a primeira noticia de que he possuido o nosso Solo, desçamos estas alcantiladas serras, todos os que podem pegar em uma espada e unamo-nos aos defensores das Liberdades Patrias; ao Governo Nacional que nos rege, e façamos pagar caro a esse Principe Estrangeiro, e ingrato, q' talvez tenha a sorte de Iturbide, a ousadia de vir invadir-nos para arrancar a Coroa a' seu proprio Filho, o Monarcha da nossa escotha. Estai promptos a' marchar quando a Patria vos chame.

VIVA A CONSTITUIÇÃO POLITICA DO BRAZIL, VIVA O SENHOR D PEDRO II., VIVA A ASSEMBLEA GERAL LEGISLATIVA, VIVA A REGENCIA DO BRAZIL.

Villa da Parahiba do Sul 14 de Junho de 1833.
Antonio Rodrigues de Andrada, Juiz de Paz da Villa da Parahiba do Sul. (Do Correio Official.)